

BASQUETEBOL E DOCÊNCIA NA ESCOLA: COLOCANDO EM PRÁTICA A METODOLOGIA SITUACIONAL-ATIVA

Data de submissão: 07/07/2023

Data de aceite: 02/08/2023

Alessandro Nascimento do Nascimento

Graduado em Educação Física –
Licenciatura
Universidade Regional do Noroeste do
Estado do Rio Grande do Sul
Ijuí/RS
<http://lattes.cnpq.br/6831640997543209>

Trabalho apresentado à disciplina de Metodologia do Ensino dos Esportes II – Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2º semestre de 2011)

RESUMO: Este trabalho sintetiza a realização de uma Unidade Didática (UD) composta por dez aulas, com o propósito de desenvolver a aprendizagem da modalidade do basquetebol para vinte alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental de uma Escola da Rede Privada de Educação da cidade de São Luiz Gonzaga/RS. Ao utilizar a metodologia situacional-ativa (aprendizado da modalidade através da prática de jogos adaptados e reduzidos) para o

desenvolvimento das aulas, o planejamento das ações docentes considerou seis etapas distintas, sendo elas: mensuração da turma de alunos e identificação dos problemas através da produção e análise de um vídeo-diagnóstico; hierarquização dos problemas; elaboração dos objetivos de aprendizagem; organização da sequência de temas a serem desenvolvidos em aula; definição da ação metodológica e aplicabilidade; mensuração dos resultados obtidos. As aulas eram divididas em quatro momentos distintos: prática do jogo de forma recreativa sem intencionalidade; prática intencional do jogo; reflexão das ações de ordem técnico-táticas; atuação em minijogos adaptados para atender às lacunas de aprendizagem levantadas na etapa anterior. A execução da marcação do adversário direto e a movimentação e solicitação da bola foram as principais mudanças no comportamento dos alunos de ordem técnico-tática. Em relação aos gestos técnicos, a utilização do pé-pivô foi a principal mudança, sendo a aprendizagem mais significativa entre todas. Manter a posse de bola de jogo em equipe; avançar à cesta e selecionar a melhor opção de arremesso e selecionar a melhor opção de passe completam as temáticas de ordem técnico-táticas desenvolvidas pelos

alunos. O ensino de um esporte coletivo requer do professor um amplo domínio sobre a aplicabilidade de atividades para a sua correta progressão. Esta dinâmica deve considerar uma evolução lógica dos conteúdos, em que os alunos possam se adaptar de acordo com suas próprias capacidades físicas e motoras.

PALAVRAS-CHAVE: Docência; Basquetebol; Metodologia situacional-ativa

BASKETBALL AND TEACHING IN SCHOOL: IMPLEMENTING THE SITUATIONAL-ACTIVE METHODOLOGY

ABSTRACT: This paper synthesizes the development of a Didactic Unit (DU) consisting of ten classes, with the purpose of enhancing the learning of basketball skills for twenty 6th-grade students from a private educational institution in the city of São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul, Brazil. By employing the situational-active methodology (learning through adapted and reduced game practice), the planning of teaching actions considered six distinct stages: student assessment and problem identification through the production and analysis of a diagnostic video; prioritization of the identified problems; formulation of learning objectives; organization of the sequence of topics to be addressed in class; definition of methodological approach and applicability; measurement of obtained results. The classes were divided into four distinct moments: recreational game practice without specific goals; intentional game practice; reflection on technical-tactical actions; participation in adapted mini-games to address the identified learning gaps from the previous stage. The main changes observed in the students' behavior, in terms of technical-tactical aspects, were related to direct opponent marking, movement, and ball request. Regarding technical skills, the use of the pivot foot showed the most significant improvement and was the most noteworthy learning outcome. Themes related to technical-tactical aspects developed by the students included maintaining ball possession in team play, advancing towards the basket, and selecting the best shooting or passing option. Teaching a team sport requires the teacher to have a comprehensive understanding of the application of activities to ensure proper progression. This dynamic should consider a logical evolution of content, allowing students to adapt based on their own physical and motor abilities.

KEYWORDS: Teaching; Basketball; Situational-Active Methodology

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho sintetiza a realização de uma Unidade Didática (UD) composta por dez aulas, com o propósito de desenvolver a aprendizagem da modalidade do basquetebol para vinte alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada de educação da cidade de São Luiz Gonzaga/RS. Ao considerar a metodologia situacional-ativa para o desenvolvimento das aulas, o planejamento das ações docentes foi elaborado a partir da análise dos alunos em situação de jogo (vídeo-diagnóstico) em que se constatou o estágio de desenvolvimento técnico-tático dentro da modalidade do basquetebol, utilizando como referência alguns autores que desenvolveram trabalhos voltados para a deiscência desse esporte.

Conforme destacado por Figueiredo (2004), a escola atual tem a responsabilidade de abordar, não apenas os conteúdos curriculares, mas também, questões abrangentes relacionadas à humanidade, contemplando diversas culturas e contextos sociais. O autor enfatiza que o professor deve ir além das limitações pedagógicas e se dedicar à integralidade dos indivíduos (FIGUEIREDO, 2004). Nesse sentido, a prática esportiva se apresenta como uma opção valiosa para o desenvolvimento dos alunos em múltiplos aspectos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), ela abrange esferas como habilidades motoras, processos cognitivos, relações interpessoais, cooperação, competitividade, entre outros.

A escola, através do ensino, é um dos únicos espaços formais que pode proporcionar às crianças a educação através da prática de esportes. Esta legitimidade se manifesta na medida que a educação necessita atender ao indivíduo em sua integralidade, e com a prática do basquetebol, por exemplo, o aluno é levado a estimular suas valências físicas, cognitivas, emocionais, relacionais. Ainda, a modalidade pode ser explorada para a aquisição de outros conhecimentos, como seu processo histórico, cultura, sua prática pelo mundo (geografia), entre diversas outras possibilidades.

2 | CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS

O ensino-aprendizagem dos esportes coletivos envolve a aplicação de diferentes metodologias. De acordo com Oliveira (2001), existem duas abordagens distintas. A primeira é baseada em metodologias tradicionais, que enfatizam a repetição de ações. A segunda abordagem é conhecida como metodologias ativas, que se concentra em situações de jogo para promover o aprendizado. A metodologia ativa é a mais recomendada, pois, “por partirem dos interesses do indivíduo e reclamarem a sua iniciativa, imaginação e reflexão na aquisição de conhecimentos induzem um saber adaptado e consciente, (OLIVEIRA, 2001, p. 46). Desta forma, o aluno é estimulado em sua totalidade, se sentindo parte integrante de um processo de aprendizagem, e não um mero reproduzidor de movimentos.

Na metodologia tradicional, segundo os autores Griffin, Mitchell e Oslin (1997), a criança, muitas vezes, não tem a consciência do porquê de realizar tal movimento. Os autores apontam que na metodologia tradicional, as habilidades são aprendidas fora do contexto do jogo, e quando a criança busca transferir para as situações de jogo, ocorre de forma complexa, o que acaba por dificultar seu desempenho no contexto coletivo (GRIFFIN, MITCHELL, OSLIN;1997).

Na iniciação esportiva se preconiza trabalhar as intenções técnico-táticas de maneira individual, não cabendo estimular nos alunos, a aprendizagem do posicionamento por zona. Oliveira (2001) enfatiza que a flutuação (movimentação por zona) como forma de ocupação dos espaços acaba por estimular nos aprendizes, a desatenção em relação ao adversário direto, se traduzindo em vantagem para o oponente. Esta é a principal razão

de se defender a ação individualizada como forma de ensino dentro das modalidades esportivas coletivas, pois, ao longo da aprendizagem, pela grande capacidade de interação que as tarefas exigem, o aluno acaba por desenvolver melhor as ações de ordem técnico-táticas. (OLIVEIRA, 2001).

Concordando com a ideia anterior, Ferreira (1987) descreve que, ao ter funções individuais dentro do jogo coletivo, o aluno tem mais responsabilidade, se habitua na movimentação, não possibilita a acomodação dentro do jogo, além de ser mais fácil de ser aprendida. O autor destaca que o sistema de defesa individual proporciona um aprendizado significativo para o praticante, mas não exige a aprendizagem das movimentações por zona, já que facilita a recomposição organizada quando na perda da posse de bola (FERREIRA, 1987).

No basquetebol existem diferentes posicionamentos de quadra, preenchidos por jogadores com diferentes características. Ferreira (1987) descreve o armador como sendo, geralmente, o jogador de menor estatura, porém, aprecia de uma maior técnica e agilidade, sendo capaz de realizar passes e executar dribles com maior facilidade. Em relação ao ala, o autor o caracteriza como aquele jogador com estatura média, boa qualidade no arremesso de meia distância e boa noção de rebote. O pivô, na visão do autor, é o jogador que ocupa o espaço mais próximo da cesta, possui bastante força e tem a maior estatura dentre as posições da modalidade (FERREIRA, 1987).

Ao discutir os princípios operacionais da defesa no basquetebol, Bayer (1994) destaca três ações fundamentais: a recuperação da posse de bola, a intenção de dificultar a progressão do adversário e a proteção da cesta. Esses princípios orientam tanto os iniciantes quanto aqueles que já possuem experiência em esportes coletivos. Lasierra, Ponz e De Andrés (1993) abordam a defesa de forma abrangente, destacando a marcação como conceito fundamental. Isso amplia as possibilidades e funções que podem ser desempenhadas em relação ao adversário, oferecendo uma gama mais complexa de estratégias defensivas.

Em relação aos princípios operacionais de ataque, León (1997) os divide entre aqueles que têm relação com os jogadores com posse de bola e aqueles que compreendem os jogadores sem a posse de bola. Em relação aos jogadores com posse de bola, o autor descreve a intenção de conservação da bola, a intenção de passe, intenção de desmarcação e a intenção de finalização. Já, sem a posse de bola, o jogador deve agir a fim de se desmarcar com a possibilidade de receber a bola e perceber os espaços vazios na intenção de preenchê-los (LEÓN, 1997).

Oliveira (2001) lista uma série de intenções táticas individuais passíveis de serem ensinadas na modalidade do basquetebol. O autor divide as intenções táticas conforme as situações de jogo, classificando-as em: atacante com posse de bola; atacante sem posse de bola; defensor do atacante com posse de bola; defensor do atacante sem posse de bola. Dentre as intenções apontadas pelo autor, a Tabela 1 apresenta algumas das mais

utilizadas no ensinamento durante iniciação esportiva.

Atacante com posse de bola	Atacante sem posse de bola	Defensor do atacante com posse de bola	Defensor do atacante sem posse de bola
Olhar antes de atuar;	Afastar-se da bola e do drible (4 passos);	Equilíbrio;	Equilíbrio;
Passar a bola para o companheiro mais próximo ou com mais alternativa;	Afastar-se dos companheiros;	Dificultar o passe;	Saltar para a bola no ato do passe;
Ultrapassar a zona defensiva;	Procurar o espaço vazio;	Dificultar o arremesso;	Se posicionar entre o adversário e a cesta.
Se aproximar da cesta para arremessar;	Solicitar a bola.	Bloquear o arremesso.	
Fintar antes de passar;			
Esperar que lhe peçam a bola;			
Passar para longe do defensor.			

Tabela 1 – Intenções táticas (OLIVEIRA, 2001)

Ao planejar uma UD é imprescindível que o docente estabeleça em que nível de aprendizado o aluno se encontra. Oliveira (1994) apresenta em sua obra cinco diferentes etapas nas quais são destacadas as dificuldades encontradas pelos praticantes de basquetebol durante a fase inicial de aprendizagem. A Tabela 2 destaca algumas das características observáveis nas etapas descritas pelo autor. A partir da análise realizada em cima das variáveis presentes nas diferentes etapas pode-se estabelecer quais conteúdos de ensino devem ser direcionados para um determinado grupo de alunos na etapa inicial de ensino de uma modalidade esportiva coletiva de invasão.

1ª ETAPA	2ª ETAPA	3ª ETAPA	4ª ETAPA	5ª ETAPA
Situações muito confusas, deficiente domínio dos deslocamentos, do corpo e da bola;	Não cria jogo em igualdade 1x1;	Não sinaliza a posse de bola sem oferecer linha de passe;	Nem sempre ocupa os corredores;	Repertório de ações motoras específicas é pouco consistente e adaptado às características adversárias;
Correr com a bola nas mãos;	Na situação de 1x1, não desenquadra o adversário;	Não cria jogo de igualdade 2x2;	Oferece linha de 1º passe, mas não de 2º passe;	Não adaptam as ações abordadas à realidade da equipe adversária;
Atração pela bola;	Não conserva a posse de bola;	Não atrasa o passe;	Cria jogo de vantagem 2x1, mas não 3x2;	Ações coletivas longe da bola são pouco eficientes;
Deslocamento sem objetivos;	Não realiza a tripla-ameaça;	Não assiste quando recebe ajuda da defesa;	Atrasam o primeiro passe, mas não a progressão da bola;	Não existe uma conclusão coletiva coordenada com as movimentações do lado da bola;
Situações de alinhamento entre a bola e o atacante, não em relação à cesta;	Volta-se para a cesta, mas não selecionam o lançamento;	Cria espaço para o jogador, mas não oferece linha de passe;	Impede que os jogadores com bola a conduzam para o lado contrário;	Não existe um encadeamento coordenado das diversas fases do jogo.
Poucas cestas convertidas.	Não participa do rebote ofensivo;	Não distingue uma situação 2x1 com bola no corredor central ou lateral;	A penetração não corresponde ao trabalho defensivo;	
	Não procura bloquear o arremesso.	Defende instintivamente em uma situação 2x1;	Deficiente defesa para dos movimentos do lado contrário para o lado da bola;	
		Não muda a bola de lado	Não comunica os bloqueios dos jogadores sem bola;	
		Não comunica as ações defensivas.		

Tabela 2 – Síntese dos comportamentos (OLIVEIRA, 1994)

Após analisar os comportamentos observados durante o jogo e avaliar o desempenho dos alunos em uma das etapas, Oliveira (1994) propõe objetivos de aprendizagem com o intuito de superar as dificuldades encontradas na modalidade. Esses objetivos abrangem tanto o conhecimento das regras do jogo quanto as intenções técnico-táticas envolvidas. Os objetivos de aprendizagem têm como finalidade direcionar o processo de ensino, visando a aquisição progressiva de habilidades e conhecimentos pelos alunos, sendo identificados durante a prática do jogo.

Vários autores enfatizam a importância de uma estrutura de aula adequada para

garantir a efetiva transmissão dos conhecimentos propostos. Griffin, Mitchell e Oslin (1997) descrevem que a aula deve ser dividida em diferentes momentos. Primeiramente, é dedicado um período para a representação exagerada da forma do jogo. Em seguida, é recomendado reservar um instante para a consciência tática. Posteriormente, os alunos praticam a execução da habilidade, ou seja, aprendem como realizar os movimentos de jogo corretamente. Oliveira (2001) apresenta um modelo estrutural semelhante ao descrito pelos autores Griffin, Mitchell e Oslin (1997), conforme ilustrado na Figura 1.

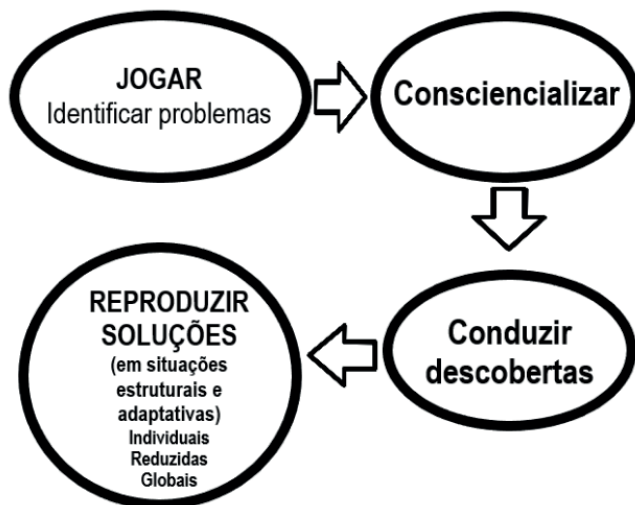


Figura 1 - Representação esquemática da abordagem ativa (OLIVEIRA, 2001)

3 I DIAGNÓSTICO, PLANEJAMENTO E APLICAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

O primeiro passo realizado para dar início ao desenvolvimento da UD foi a mensuração global da turma de alunos (identificação dos problemas) em relação ao conhecimento e desempenho dentro da modalidade do basquetebol. Para os discentes, aquele era o primeiro contato formal com a modalidade do basquetebol. Tinham pouco conhecimento em relação às regras de ação que organizam o esporte. No que compreende sobre os aspectos técnico-táticos, a Tabela 3, proposta por Camí (2000) e adaptada por Guille e Gallois (1986), foi utilizada para mensurar em que nível de desempenho os aprendizes se encontravam quando no início da proposta de ensino da UD. Os autores propõem quatro níveis de desempenho, em que “A” é a atuação mais recomendável dentre as situações de jogo e “D” é o desempenho menos eficiente em relação ao jogo técnico-tático do basquetebol.

ATACANTE COM POSSE DE BOLA				ATACANTE SEM POSSE DE BOLA	DEFENSOR
PASSAR	RECEBER	DRIBLAR	FINALIZAR	DESMARCAR-SE	DEFENDER
Protege a bola e passa aos companheiros, mas não se dá conta que às vezes eles estão marcados. Passa muito rápido, como se estivesse se livrando da bola, ou muito tarde, como se estivesse querendo levá-la para casa. Consegue enxergar os espaços vazios.	Espera passivamente a bola chegar. Quando a recebe, não consegue dominá-la. Com a bola sob domínio, não busca alguém com objetivo tático claro.	Corre qualquer lado, e não se atém às informações do jogo. Utiliza exclusivamente a lateralidade dominante.	Ao não dar sequência as suas ações no jogo, fica indeciso se vai ou não em direção à meta. Tem dificuldade para se localizar em campo.	Não consegue se livrar da marcação. Às vezes se volta para o Atacante Com Posse de Bola (ACPB), mas não se desloca para abrir espaço para o passe. Geralmente corre atrás da bola embolando o jogo. Em suma, não sabe o que fazer no campo.	Situa-se corretamente no campo, mas reage tardiamente aos movimentos ofensivos do adversário. Não consegue ajudar os companheiros na marcação. Tem dificuldades para se recuperar quando é superado por um adversário.

Tabela 3 – Nível de desempenho

Respeitando a estruturação para a elaboração de uma UD, o primeiro encontro com os alunos foi conduzindo a fim de se estabelecer em que nível de aprendizagem eles estavam em relação ao jogo do basquetebol. Foram propostos jogos reduzidos (3x3), estes foram gravados em vídeo para observação posterior. Após a análise do vídeo, foram estabelecidos os seguintes níveis da turma de alunos, considerando a mensuração da Tabela 3: passar (C); receber (D); driblar (D); finalizar (C); desmarcar-se (D); defender (C).

Os resultados mencionados representam uma média geral da turma de alunos. Em certos casos, algumas crianças demonstraram maior proficiência nos aspectos técnicos e táticos identificados. Em relação ao desenvolvimento motor, observou-se uma diferença significativa entre meninos e meninas. Para lidar com essas e outras disparidades, optou-se por aplicar atividades nas quais os alunos com melhor desempenho no jogo se encontrassem em desvantagem numérica. Ao contrário, aqueles em fase rudimentar de atuação, praticavam as tarefas em superioridade numérica dentro das situações de jogo. Ainda, as regras de ação que organizavam o jogo, também eram alteradas, tudo para possibilitar um melhor desenvolvimento da aprendizagem da criança.

Esta etapa do processo se fez necessária pela importância de estabelecer em que nível de aprendizado cada aluno se encontrava. Assim, as tarefas propostas puderam comportar as reais necessidades e capacidades de cada aprendiz, fazendo com que se estabelecessem objetivos alcançáveis. O processo de avaliação antecipado foi estruturado em cinco passos. São eles: identificação dos problemas de ordem técnico-táticos;

hierarquização dos problemas de ordem técnico-táticos; elaboração dos objetivos de aprendizagem; organização dos temas; metodologia e planejamento das aulas.

A partir da análise do vídeo diagnóstico realizado antes do início da UD, o desenvolvimento técnico-tático dos alunos foi relacionado à síntese de comportamentos da Tabela 2, proposta por Oliveira (1994). Sendo assim, segue a descrição dos passos do planejamento elaborado através da análise do vídeo-diagnóstico da prática do basquetebol, correspondendo à primeira etapa da elaboração da UD (Tabela 4):

IDENTIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS GLOBAIS
Os alunos não conseguem operar com as regras de ação (dobram, andam, realizam falta ao não respeitar o raio de ação do adversário);
Os alunos não distinguem o tempo das ações dentro do jogo;
Comunicação verbalizada.
ATACANTE COM POSSE DE BOLA
Não procuram jogar com os companheiros;
Não pensam antes de agir (driblar, arremessar ou passar);
Não se estendem no cesto para finalização;
Não se enquadram para a cesta;
Não manuseiam corretamente o objeto do jogo;
Não protegem a bola sob seu domínio ou quando driblam;
Não finalizam em condições favoráveis (arremessar de qualquer lugar)
Técnica rudimentar.
ATACANTE SEM POSSE DE BOLA
Após o passe, não se movimentam para desmarcar-se;
Não se aproximam do alvo, nem se movimentam adequadamente (aglomeração);
Aproximam-se da bola.
DEFENSOR DO ATACANTE COM POSSE DE BOLA
Não pressionam o atacante;
Não se colocam entre o adversário e a cesta;
Não procura bloquear arremessos ou passes.
DEFENSOR DO ATACANTE SEM POSSE DE BOLA
Não se responsabilizam pelo adversário direto, seguem a bola;
Não conseguem observar simultaneamente a bola e o adversário.

Tabela 4: Análise do desenvolvimento técnico-tático dos alunos

A segunda ação para a elaboração da UD está relacionada com a necessidade de hierarquização dos problemas (Tabela 5) apresentados anteriormente. Isto se faz necessário, pois González (2004) aponta que para a efetiva aprendizagem dos alunos, é importante priorizar apenas alguns dos problemas apresentados. O número de problemas está relacionado ao número de encontros (aulas) que foram realizados. Ainda, as

dificuldades a serem sanadas devem ser aquelas que mais dificultam o desenrolar do jogo.

IDENTIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS GLOBAIS
1) Os alunos não conseguem operar com as regras de ação (dobram, andam, realizam falta ao não respeitar o raio de ação do adversário);
2) Os alunos não distinguem o tempo das ações dentro do jogo;
ATACANTE COM POSSE DE BOLA
3) Não procuram jogar com os companheiros;
4) Não finalizam em condições favoráveis (arremessar de qualquer lugar)
ATACANTE SEM POSSE DE BOLA
5) Após o passe, não se movimentam para desmarcar-se;
DEFENSOR DO ATACANTE COM OU SEM A POSSE DE BOLA
6) Responsabilizar-se pelo atacante posicionando entre ele e a cesta.

Tabela 5: Hierarquização dos problemas

No terceiro passo os problemas são convertidos em objetivos de aprendizagem. Seguindo como referência a obra de Oliveira (1994), os problemas selecionados foram convertidos assim:

1. Os alunos devem atuar seguindo as regras básicas de ação do jogo que compreendem: não cometer as violações de andar, dobrar ou fazer faltas. Para isso deverão utilizar do pé pivô respeitando-o quando na realização de passe, arremesso ou drible. Não tocar no adversário da forma que se configura como falta (desequilíbrio corporal).
2. Os alunos devem distinguir o momento em que sua equipe está no ataque ou na defesa. Para isso, devem perceber com quem está a posse de bola e posicionar-se adequadamente em quadra para exercer a função de atacante ou defensor.
3. Estabelecer que o jogador com posse de bola deve passar a bola para o companheiro desmarcado, ou em melhores condições para a finalização.
4. O jogador deve arremessar a bola somente a uma distância compatível da cesta. Ou seja, tendo a capacidade física de fazer com que a bola alcance a cesta e com maior chance de acerto do que de erro.
5. Após o passe movimentar-se para demarcar-se e criar linhas de passe. Movimentar-se em “L” ou “V” para evitar deslocamentos desnecessários.
6. Posicionar-se entre o atacante, com ou sem posse de bola, e a cesta.

O quarto passo consiste na organização pelo docente da sequência de temas a serem abordados em cada aula. É fundamental seguir uma cronologia na qual as dificuldades que dependem de outras para serem aprendidas sejam abordadas somente após a resolução de suas dependências. Assim, primeiro devem ser aprendidos os problemas de quem tem o controle do jogo (jogador com posse de bola), para em seguida as demais funções (jogador

sem posse de bola). A Tabela 6 apresenta as temáticas desenvolvidas em cada aula:

1ª Aula :Compreender as regras de ação para não cometer violações de andar, dobrar e cometer faltas. Para isso, saber utilizar a correta forma da utilização do pé-pivô e respeitar o raio de ação do adversário. Compreender o tempo de ação dentro do jogo tendo a noção de quando seu time está no ataque ou defesa.
2ª e 3ª Aulas: Jogar com os companheiros quando eles estiverem desmarcados ou em melhores condições de finalização. Respeitar a ordem de aprendizagem destas duas ações de quando com posse de bola.
4ª e 5ª Aulas: Arremessar em condições favoráveis. Com mais chances de acerto do que de erro.
6ª e 7ª Aula: Após o passe ou sem posse de bola, movimentar-se ficar desmarcado e criar linhas de passe.
8ª Aula: Posicionar-se entre o atacante com ou sem posse de bola e a cesta.
9ª Aula: Autoanálise técnica entre os alunos.

Tabela 6: Temas desenvolvidos nas aulas

Devemos apontar também aqueles objetivos de ensino que participaram transversalmente em toda a UD, ou seja, elementos de aprendizagem que foram básicos para todas as aulas. Os três objetivos elencados foram estes: atuar dentro das regras de ação; jogar com os companheiros; posicionar-se entre o atacante e a cesta.

O quinto momento é dedicado à seleção da metodologia a ser aplicada nas respectivas aulas. Nesse sentido, um conjunto de autores, mencionado por González (2004), compartilha a ideia de ensinar o aluno a aprender através da prática situacional no contexto técnico-tático do jogo. Ao aprender jogando, os alunos têm a chance de experimentar diferentes situações, tomar decisões em tempo real, desenvolver habilidades de resolução de problemas e melhorar sua compreensão do jogo.

Ao abordar a ideia proposta por Graça, Ricardo e Pinto (2006), observamos que os autores discorrem sobre a formação de grupos heterogêneos. Essa abordagem visa proporcionar aos alunos um ambiente no qual eles possam cultivar a aprendizagem cooperativa, colaborando uns com os outros ao longo de um período prolongado. Os autores também destacam a importância de uma dinâmica competitiva entre os grupos, para que o objetivo da aprendizagem seja impulsionado com maior incentivo (Graça, Ricardo, Pinto, 2006).

Podemos citar o método proposto por Griffin, Mitchell e Oslin (1997). Nele os autores destacam a abordagem tática como sendo o modelo mais adequado para desenvolver o ensino dos esportes coletivos. Nesse modelo, o aluno aprenderá o “o que fazer” dentro do contexto do jogo, em uma forma reduzida maximizando ainda mais sua participação nas ações. Desta forma, a criança exercitará mais as tarefas e seu aprendizado terá maior efetividade.

Seguindo a visão de Griffin, Mitchell e Oslin (1997), na metodologia tática, o aluno terá a oportunidade de aprender habilidades por meio de jogos contextualizados. Nesse

sentido, a aula apresentará as seguintes etapas: uma fase de jogo em que o aluno terá uma representação exagerada das ações; uma fase de conscientização tática em que o aprendiz será desafiado a considerar “o que fazer” para superar as regras e os objetivos de ação; e uma fase de execução de habilidades, em que o aluno será encorajado a compreender “como fazer” ao realizar o movimento de maneira correta. (GRIFFIN, MITCHELL, OSLIN; 1997)

Corroborando com os autores anteriores, Oliveira (2001) apresenta a ideia da metodológica ativa, em que o aluno aprenderá segundo a sua compreensão do jogo. Nesta, os movimentos não são preestabelecidos, mas sim, surgirão através da compreensão contextualizada do jogo. O autor também divide a aula por etapas. Na primeira, o aluno participará de situações estruturais e adaptativas e ele terá a incumbência individual das ações. Na segunda, as ações serão de forma reduzida e, na seguinte, de maneira globalizada. Sintetizando, Oliveira (2001) apresenta o jogar como forma de identificar o problema, em seguida, a conscientização para conduzir a uma descoberta, para depois, ocorrer a reprodução das soluções.

Notamos que a metodologia apresentada pelos autores acima descreve sobre os papéis, tanto do aluno, quanto do professor. O professor, a todo o momento, intervirá nas ações com o propósito de criar a dificuldade e apresentar a solução. É importante que a dificuldade em que o aluno se deparará seja motivo de incentivo para com o objetivo da ação. O aluno deverá ser estimulado a aprender participando do processo de construção. Ou seja, ele será aguçado a notar as dificuldades impostas dentro do jogo e racionalizar sobre as soluções necessárias. Ainda, o aprendiz também exercitará o papel de interventor ao colaborar na sua aprendizagem, como também dos colegas de grupo.

4 | ESTRUTURAÇÃO DAS AULAS

Este é o momento reversado para apresentar os problemas que foram explorados durante a realização das aulas e seus respectivos objetivos de aprendizagem almejados através das práticas. Segue a estruturação das aulas, conforme Tabela 7:

Aula 1	Problema) participar do jogo do basquetebol dentro das regras básicas.
	Objetivos de aprendizagem) movimentar-se utilizando o pé-pivô; movimentar-se não cometendo falta; movimentar-se para receber.
Aula 2	Problema: manter a posse de bola.
	Objetivos de aprendizagem) deslocar-se para receber, realizar passes efetivos e driblar para abrir espaços para o passe.
Aula 3	Problema) criar uma possibilidade de finalização ao passar a bola para o companheiro em melhores condições de arremessar.
	Objetivos de aprendizagem) movimentar-se para perto de uma área efetiva de arremesso, procurar o companheiro mais perto da cesta para realizar o passe; quando sem a bola, alternar movimentos para perto e para longe de uma área de arremesso pré-determinada.
Aula 4	Problema) avançar à cesta quando com espaço livre para finalizar.
	Objetivos de aprendizagem) driblar avançando em direção à cesta; deslocar-se para corredores livres; realizar o arremesso em forma de bandeja.
Aula 5	Problema) driblar avançando em direção à cesta; deslocar-se para corredores livres; realizar o arremesso em forma de bandeja.
	Objetivos de aprendizagem) movimentar-se para receber; passar a bola para o companheiro em condições de finalizar.
Aula 6	Problema) manter a posse de bola da equipe e finalizar.
	Objetivos de aprendizagem) criar linhas de passe ao movimentar-se à frente da linha da bola; realizar fintas para iludir o marcador através do avanço a espaços vazios.
Aula 7	Problema) movimentar-se sem a bola sem ocasionar aglomeração na área restrita (garrafão).
	Objetivos de aprendizagem) realizar fintas com mudança de velocidade na movimentação; movimentar-se em "L" e em "V".
Aula 8	Problema) permanecer na correta posição defensiva; orientar-se defensivamente ao marcar um adversário pré-determinado.
	Objetivos de aprendizagem) posicionar-se entre a cesta e o defensor; movimentar-se defensivamente a fim de acompanhar o adversário para realizar a marcação; usar dos membros superiores para acossar o passe ou finalização do adversário.
Aula 9	Objetivo de aprendizagem) autoavaliação segundo a proposta de Griffin, Mitchell e Oslin (1997).

Tabela 7: Estruturação das aulas (problemas e objetivos de aprendizagem)

5 | ANÁLISE GLOBAL DAS AULAS

O primeiro momento da UD consistiu em conscientizar os alunos sobre a proposta de ensino através da metodologia situacional-ativa, esclarecendo a eles sobre a prática de jogos adaptados e reduzidos (3x3; 3x2; 3x1; 3x0) com intencionalidade, que considera as características físicas, motoras e cognitivas dos mesmos para o desenvolvimento das atividades. Os times formados para as práticas durante as aulas eram heterogêneos em relação expertise esportiva e medidas antropométricas.

As aulas continham quatro momentos distintos. No primeiro instante os alunos praticavam o jogo de forma recreativa, sem maiores informações. Em seguida, as práticas eram realizadas de forma intencional, em que os alunos atuavam segundo as orientações

recebidas. No terceiro momento acontecia uma pausa nas ações práticas para se estabelecer uma reflexão sobre o que vinha sendo realizado, discutindo informações de ordem técnico-tática, e relacionadas às regras de jogo. Para finalizar a aula, os alunos jogavam os minijogos alimentados com informações levantadas nas reflexões realizadas anteriormente, como também, eles eram submetidos a fragmentos do jogo para intensificar àquelas lacunas percebidas nos durante as práticas.

Em determinados momentos dos encontros era necessário remodelar as atividades estabelecidas, a fim provocar maior interesse por parte dos alunos. A metodologia utilizada previa o uso da superioridade e da inferioridade numérica dentro do jogo, o que ocasiona um maior equilíbrio no desempenho físico-motor e técnico-tático das partidas. Assim, todos os alunos se viam na necessidade de se esforçar para que sua equipe conquistasse o êxito.

Cada etapa da aula se complementava, proporcionando diferentes compreensões por parte dos alunos. Ao iniciar as atividades com um jogo que não tinha a intenção final de ser um jogo de basquete, mas que envolvia ações coletivas e técnico-táticas transferíveis para a modalidade, os alunos aqueciam seus corpos e interagem de forma lúdica. Em seguida, com os objetivos de aprendizagem estabelecidos, os alunos percebiam que ao passar de “jogar sem intencionalidade” para “jogar com intencionalidade”, as práticas deveriam ser executadas com maior concentração. Por exemplo, se o objetivo era passar a bola para um colega bem posicionado, isso exigia uma ação intencional e efetiva de deslocamento. Assim, os alunos começaram a perceber que o jogo de ataque se desenvolvia com papéis definidos por todos, independentemente de estarem ou não com a posse de bola.

As aprendizagens de ordem técnico-táticas eram melhor trabalhadas no jogo reduzido com superioridade numérica. Era nesse instante que os alunos conseguiam êxito nos propósitos individuais de ordem técnica e tática. No quinto encontro os alunos foram expostos ao jogo formal do basquete, com a utilização de toda a quadra em uma formatação 5x5. Naquele momento, os alunos apresentaram uma movimentação muito confusa, e corroborando com Oliveira (1994), algumas crianças não se deslocavam em direção a cesta adversária de maneira linear, havia aglomeração em torno da bola e alguns não diferenciavam o tempo da ação entre ataque e defesa de maneira instantânea, o que causava um grande desequilíbrio na partida.

No jogo formal, cada equipe contava com alunos assumindo os papéis de treinador e assistente técnico. Essa estrutura de atividade permitia uma análise da participação dos colegas no jogo coletivo. As dificuldades encontradas eram discutidas entre o professor e o aluno e, em seguida, compartilhadas com a equipe. Esse momento foi extremamente valioso do ponto de vista teórico, pois os alunos tiveram a oportunidade de refletir sobre o jogo e explanar sobre as necessidades de aprendizagem identificadas.

A autoanálise realizada pelos alunos no último encontro consistiu em observar os próprios colegas atuando dentro da modalidade do basquetebol. Utilizando a proposta de Griffin, Mitchell e Oslin (1997), as demandas técnico-táticas sugeridas para

observação foram: passar a bola para o companheiro desmarcado ou em condições de finalizar; movimentar-se para receber a bola; posicionar-se entre a cesta e o adversário, progredir em direção à cesta quando desmarcado com posse de bola.

6 | ANÁLISE DE RESULTADOS

Os resultados obtidos através do desenvolvimento da UD foram mensurados a partir das análises dos vídeos dos alunos atuando dentro da modalidade do basquetebol no primeiro encontro (vídeo-diagnóstico), como também, no último encontro. Os melhores resultados referentes às intenções técnico-táticas estiveram relacionados com as ações sem a posse de bola. A execução da marcação do adversário direto e a movimentação e solicitação da bola foram as principais mudanças no comportamento dos alunos de ordem coletiva. Em relação aos gestos técnicos, a utilização do pé-pivô foi a principal mudança, sendo a aprendizagem mais significativa entre as todas aquelas desenvolvidas na UD.

Os alunos com menor expertise esportiva (menor controle de bola, menor técnica de arremesso, menor técnica de passe) apresentaram uma evolução de ordem técnico-tática mais perceptível. Eles obtiveram um salto maior de aprendizado em relação ao posicionamento de defesa, movimentação sem posse de bola, melhor seleção do passe quando no ataque. Em contrapartida, os alunos com maior expertise esportiva passaram a realizar uma melhor distribuição da bola nas ações de ataque, diminuindo as vezes que centralizavam as jogadas.

Sobre a ação técnico-tática do passe, executada para o companheiro mais bem posicionado para receber a bola, esta não apresentou uma evolução considerável nos alunos com menor expertise esportiva. A correta utilização do pé-pivô apresentou uma evolução linear entre todos os discentes. Ao final da UD os alunos desenvolviam o movimento correto, principalmente nas situações que envolviam o passe e o arremesso, pois, nesses casos, eles conseguiam agir sem violar as regras do jogo. Nos casos em que havia o início do drible, os estudantes ainda apresentavam algumas violações da regra do pé-pivô.

Em relação à estratégia ofensiva, as melhorias foram limitadas a combinações simples (movimentação sem bola para o espaço vazio). O trabalho docente realizado visava, principalmente, o aprimoramento das habilidades técnicas e táticas individuais dos alunos, resultando em um aumento geral na movimentação e no aumento de trocas de bola. No entanto, a turma não demonstrou uma evolução no comportamento relacionado a combinações táticas elementares (movimentações com fintas; movimentações sem bola para abrir espaços na defesa adversária; movimentações de bloqueio adversário). Mesmo quando havia uma superioridade numérica, os alunos não apresentaram um jogo coletivo efetivo, sendo que qualquer vantagem percebida estava mais relacionada ao desenvolvimento motor das crianças do que a uma movimentação coordenada ou

intencional de forma coletiva.

Sobre as execuções técnicas do passe e do arremesso, os alunos realizavam o gesto técnico mais corretamente naquelas etapas da aula com jogos em superioridade numérica. Em contrapartida, quando o jogo era formal (5x5 em quadra inteira), ou mesmo, quando a equipe estava em inferioridade numérica, o movimento gestual declinava. Dessa forma, a metodologia situacional-ativa se fez importante, pois adaptava o jogo para contemplar, dentre as diferentes necessidades de aprendizagem, também o gesto técnico.

A Tabela 8 apresenta a sequência das progressões técnico-táticas alcançadas pelos alunos ao final da UD. Os três primeiros conteúdos explorados tiveram um avanço significativo, já os demais não apresentaram uma evolução considerável. Com base nos resultados deste estudo, é recomendável que uma UD de nove aulas não tenha como objetivo contemplar a aprendizagem de seis objetivos técnicos e táticos. É preferível priorizar um número menor de objetivos, permitindo um maior enfoque em cada um deles. Isso proporcionará uma abordagem mais aprofundada e eficaz no processo de ensino-aprendizagem.

Ordem de evolução de cada intenção técnico-tática apresentada ao final da UD.	
Desempenho	Intenção técnico-tática
Melhor desempenho	Pé-pivô (atuar dentro das regras);
2º melhor desempenho	Marcação entre o adversário e a cesta;
3º melhor desempenho	Movimentar-se procurando os espaços vazios;
4º desempenho	Manter a posse de bola da equipe;
5º desempenho	Avançar à cesta em condições de finalizar, selecionar o melhor momento de arremessar (arremesso, bandeja);
6º desempenho	Realizar a melhor opção de passe (passe).

Tabela 8 - Classificação dos desempenhos técnico-táticos alcançados ao final da UD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos teóricos realizados para a elaboração da UD, assim como nas percepções adquiridas durante a sua execução, pode-se concluir que o ensino de um esporte coletivo exige do professor, não apenas o conhecimento da modalidade em si, mas também um amplo domínio da aplicação de atividades e da progressão adequada. Esta dinâmica deve considerar uma evolução lógica de práticas, em que os alunos possam se adaptar de acordo com suas próprias capacidades.

Ao adotar uma abordagem de metodologia ativa, como os jogos reduzidos no ensino dos esportes coletivos, o professor pode aprimorar ainda mais a sua prática. Essa abordagem permite que os alunos participem ativamente do processo de aprendizagem,

desenvolvendo habilidades específicas enquanto se engajam em situações de jogo mais simplificadas. Assim, o docente tem a oportunidade/necessidade de ajustar seus objetivos de aprendizagem, considerando a evolução dos alunos durante o processo prático, sempre considerando a necessidade de engajar os alunos em atividades desafiadoras.

Entende-se que a aplicabilidade de uma modalidade coletiva de invasão na abordagem situacional-ativa consiste em propor jogos reduzidos que sejam adequados ao nível de habilidade e compreensão dos alunos, adaptando as regras e o tamanho do espaço de jogo, conforme necessário. Desta forma, cada objetivo de aprendizagem torna-se mais legítimo para cada aprendiz.

REFERÊNCIAS

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

CAMÍ, J.T. **1013 Ejercicios y juegos aplicados al balonmano** (Vol. I), Barcelona: Paidotribo, 1993.

FERREIRA, A. E. X.; ROSE, D. Jr. **Basquetebol: Técnicas e Táticas: Uma abordagem didático-pedagógica**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

FIGUEIREDO, Z. C. Campos. **Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber**. In:_____. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 89-111, 2004.

GONZÁLEZ, F. J. **Proceso de programación de unidades didáticas no ensino de modalidades esportivas**. Ijuí: Unijuí (mimeógrafo), 2004.

GRAÇA, A.; RICARDO, V.; PINTO, D. **O ensino do basquetebol: aplicar o modelo de competência nos jogos de invasão criando um contexto desportivo autêntico**. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Org.) *Pedagogia do desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan*, 2006. p. 299-312.

GRIFFIN, L.; MITCHELL, S.; OSLIN, J. **Teaching sport concept and skills: a tactical games approach**. Champaign: Human Kinetics, 1997.

LASSIERA, G.; PONZ, J.M.; DE ANDRÉS, F. **Intenções táticas no handebol**. In_____ *1013 Ejercicios y juegos aplicados al balonmano* (Vol. I), Barcelona: Paidotribo, 1993.

LEGRAND, L.; RAT, M. **A tática coletiva**. In:_____. *O basquetebol*. Lisboa: Estampa, 1998.

LEÓN, L. R. **Iniciación a las Habilidade Específicas: El Balonmano Askesis**, ano 1, vol. 2, 1997.

OLIVEIRA, J. C. **Etapas de aprendizagem no basquetebol**. In:_____. *Revista Horizonte*, Lisboa, v. 11, n. 63, set/out. 1994.

OLIVEIRA, J. C. **Apresentação do tema; Ensino do basquetebol; Métodos de ensino do basquetebol; Situações de jogo; Situações (rotinas) significativas; Formas de organização; Avaliação**. In:_____. *O ensino do basquetebol: gerir o presente. Ganhar o futuro*. Lisboa: Caminho, 2001. p. 35-108.

PRADO, I. G. A.; FARHA, V. Z. A. R.; LARANJEIRA, M. I. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Educação Física, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília : MEC /SEF, 114 pág. 1998.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte - Teoria e Aplicação Prática**. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1992.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998

SOUZA, J. C. A.; BONELA, L. A. **A importância do estágio supervisionado na formação do profissional de Educação Física**: uma visão docente e discente. MOVIMENTUM - Revista Digital de Educação Física, Ipatinga: Unileste-MG, v.2, n.2, 2007.